

Uma praça de touros que (só) durou uma década

Domingo, 28 de Setembro de 1947. Muito antes das cinco da tarde, a Devesa já fervilhava de agitação. Os 20 escudos que custava o bilhete, valor elevado para muitas bolsas, não impediram que os mais de 2500 lugares das bancadas enchessem. A corrida inaugural com Luís Gomes Faia não foi famosa mas os desacertos do cavaleiro pouco importaram: a Sobreira Formosa vibrava com o orgulho de ter a única praça de touros da Beira Baixa.

A ideia tinha nascido durante um casamento: em terra aficionada, habituada a touradas à vara, por que não erguer-se uma praça de touros? Daniel Cardoso Costa, empresário que duas décadas antes tinha dinamizado a construção do Teatro da Sobreira, deu corpo ao sonho. E a praça, com camarotes, frisas e todas as condições de segurança e conforto, foi recebendo uma corrida anual que invariavelmente esgotava, por altura da feira de 8 de Setembro.

Pela praça passaram nomes maiores da tauromaquia, como o cavaleiro José Casimiro, o matador Augusto Gomes ou Mariano da Costa Pinto. Tal como mulheres que à época eram exceção, como Elisa Barroso, que toureava a cavalo. As corridas foram registadas, em 1951, no jornal “Topa Tudo”, iniciativa de um grupo de jovens que morreu passados quatro números, depois da censura da população às bocas sobre os namoricos e novidades da freguesia.

Um dia, quando transportava um camião carregado de produtos agrícolas, conta-se que Daniel Cardoso Costa foi mandado parar pela polícia, que lhe perguntou se tudo o que levava era mesmo dele. A justificar a fatura, o empresário terá dado a resposta que os polícias menos esperariam: “Eu até tenho uma praça de touros”.

O recinto teve, contudo, existência efémera. Em 1958, a Misericórdia local, presidida por Abílio Tomé, não aceitou comprá-la por 50 contos. Como não se entenderam, Daniel Cardoso Costa escolheu uma opção radical: a praça foi desfeita à picareta, de forma a aproveitar alguns dos materiais. “Foi uma mágoa muito grande para a maioria das pessoas”, recorda António Cristóvão, que durante anos conservou a coleção de cartazes de todas as corridas.

Durante muito tempo continuaram a fazer-se garraizadas nas ruas em torno da Devesa e no final matavam-se os touros e a carne era vendida na festa em honra de S. Tiago. Mas incidentes com touros que fugiam da zona vedada e “cacetadas em carros” estiveram na origem dos obstáculos levantados pela Inspeção-Geral de Espectáculos. Foram proibidas corridas nas vias de circulação e passou a ser utilizada uma praça desmontável.

Foi já num recinto desmontável que em 1963 se apresentou a francesa Pierrette le Bourdieu, conhecida como “A princesa de Paris”. O cartaz desse ano anunciava a “única matadora de touros da Europa” e, após a corrida, “um garraio para os curiosos, com o respectivo prémio para a melhor pega de caras”.

Nos anos 60 e 70, recorda António Cristóvão, a festa da Sobreira era uma das maiores do distrito. “Aquela Devesa cheia de gente metia respeito...” Duo Ouro Negro, Max, Fernanda Baptista, Frei Hermano da Câmara, Gina Maria, Rodrigo, Alda de Castro e Tony de Matos são

exemplos de nomes do nacional-cançonetismo que figuraram nos cartazes. E a Sobreira deve ter sido o único lugar do mundo onde Amália Rodrigues foi impedida de actuar, conta António Cristóvão. “Houve um ano em que a contactámos, mas ela não respondeu.” Sem sinal da sua vinda, a comissão de festas optou por convidar Paco Bandeira. No dia da actuação a fadista apareceu, mas não estavam a contar com ela. Não chegou a subir ao palco.